

RANCOR OU ESPERANÇA?

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 26/3/93

Rancor, que acaba de estrear no Teatro Ruth Escobar, é a afirmação madura de um teatrólogo. É a arte na sua forma pura, porque é a obra aberta, que permite todas as interpretações. É o teatro de tese, que afinal não tem tese alguma porque admite todas. É a crítica impiedosa da nossa sociedade pequena e subdesenvolvida, sem entretanto nos oferecer qualquer saída possível.

Rancor é a quarta peça de Octávio Frias Filho. Se Tutankaton era um manifesto anti-moderno e Típico Romântico, a modernidade colocada no limite do vazio, Rancor é clássico ao não hesitar em discutir o mundo e a vida através de monólogos de tradição shakespeariana, mas é moderno ao adotar um texto preciso, claro, cortante, e no entanto coloquial.

Como em Tutankaton, Frias volta a se insurgir contra a revolução. A revolução monoteísta do pai de Tutankaton - Aton, o grande criminoso - era totalitária, a revolução anárquica de Leon é desprezível. Mas também aqui não se oferece uma alternativa para o mundo. Não há espaço para a reforma. Não há crença em progresso gradual. Berucci, o mestre da crítica, é conservador, é clássico, acredita nos valores universais, mas ao mesmo tempo representa o establishment, as concessões mútuas, a auto-indulgência, os pequenos jogos de poder, que Leon critica com tanta força e tanta razão. Tanta razão, disse eu? Tanta razão, por que? Ninguém tem razão em Rancor, não há verdade, não há justiça, aparentemente não há esperança.

Está claro que o autor não se identifica nem longinquamente com qualquer dos personagens. Leon é o jovem crítico de arte que a Universidade Central de um indeterminado país tropical recusou. É o revolucionário sem causa nem crença. É a violência em nome de uma verdade que, pela intolerância, se transforma imediatamente em rancor e mentira. É o jovem intelectual ambicioso e brilhante, que procura se afirmar em um ambiente conservador, hostil às idéias novas e aos comportamentos inconformistas, mas acaba se corrompendo. Berucci é o representante da universidade, é o intelectual admirado internacionalmente, cujo valor real, no entanto, jamais fica estabelecido. Talvez porque não haja valor real no mundo de

Rancor, como no jogo de Berucci. Só jogo mesquinho de poder e prestígio. Dadá é o jornalista radicalmente cínico, corrupto e corruptor, que não acredita em nada, nem mesmo ou muito menos na notícia. É o elo de ligação entre as vaidades de todos. Nestor é o poeta fraco, dominado e talvez sem talento. Miranda é o belo oportunismo em seu estado puro. Aproveita das sobras da inteligência de Berucci e depois de Leon, mas afinal descobre que é melhor jogar tênis com um mítico australiano. Todos, exceto Nestor, têm em uma coisa em comum: para eles o único valor é o poder.

Uma direção impecável e imaginosa dirige alguns grandes atores, como Bete Coelho, no papel de Leon, Renato Borghi, no de Dadá, Sérgio Mamberti no de Berucci. O texto, especialmente no início, é as vezes denso demais, pesado mesmo. Mas aos poucos a sua força e a sua beleza se impõem.

Resta de tudo isto o que? Para mim, além de um grande momento de arte e de reflexão, uma grande e preocupante interrogação sobre o desespero. Octávio Frias Filho deve ter 35 anos. Pertence a uma geração que eu vi crescer, que chegou à idade adulta depois de 1968, quando não apenas o Brasil mas todo o mundo entrava em uma onda longa recessiva, em que as taxas de crescimento caíam, o conservadorismo crescia, as utopias eram negadas. No Brasil foi também o período do autoritarismo triunfante, do autoritarismo em crise, e, em seguida, da frustração com a democracia, a Nova República populista e a modernidade neoliberal, que não lograram superar a estagnação econômica deixada como herança pelo regime militar. O que ficou apenas foi a própria estagnação, a crise e a imobilização do Estado, o aprofundamento da concentração de renda, a crise da esquerda, o vazio da direita, a ausência dos valores, a corrupção, o oportunismo generalizado do salve-se quem puder.

A obra de Octávio Frias Filho reflete tudo isto de forma dramática, radical, talvez desesperada. Estou, entretanto, profundamente convencido que tudo é cíclico na vida. Há mais de 20 anos entramos em um ciclo recessivo no plano econômico, político, cultural, ético. Este ciclo deve estar acabando. Já existem alguns sinais que eu prefiro não enumerar. A própria obra de Octávio é talvez um sinal. Porque quem critica o mundo com tanta violência, quase com a fúria divina, não pode anunciar apenas desespero e rancor, anuncia também esperança.